25°enancib
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
Informação, Decolonialidade e Direitos Difusos para o Desenvolvimento Sustentável
3 a 7 de novembro de 2025 - Rio de Janeiro

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA E O INTERDISCURSO SEMIÓTICO: A CONSTITUIÇÃO DA CATÁLISE

DOCUMENTARY LANGUAGE AND SEMIOTIC INTERDISCOURSE: THE CONSTITUTION OF CATALYSIS

Alexandre Robson Martines – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus de Marília

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: a informação presente em um documento evidencia aspectos pontuais de sua elaboração, pois revela, nas marcas da enunciação deixada em seu enunciado, aspectos inerentes ao conjunto discursivo. Um documento é capaz de revelar posicionamentos, argumentos e raciocínios responsáveis por evidenciar as estratégias de construção do conhecimento, como também procedimentos temáticos e figurativos que demonstrem sob quais aspectos o texto está ancorado. É objetivo deste estudo analisar os fundamentos teóricos da semiótica discursiva com o fito de explorar a concepção de interdiscurso, *ethos* discursivo e catálise, assim correlacionar às propriedades da linguagem documentária a fim de demonstrar seu comportamento semiótico como condensadora de informação e conhecimento, bem como instrumento de afecção. Assim, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, sob a tipologia exploratória, de caráter interdisciplinar. Somado a isso, trata-se também de uma pesquisa básica, teórica e bibliográfica. Diante disso, a linguagem documentária é uma canalizadora de discursos, é um índice de saberes e de informações previamente construídos e é uma ativadora de ações e tomadas de decisões, ou seja, é um instrumento da pragmática para ativar a afecção, justamente como age uma catálise. Portanto, reconhece-se que a linguagem documentária é uma catálise, devido à sua complexidade discursiva, que envolve sua natureza híbrido-sincrética, assim, condensando diversas informações construídas pelo já-dito.
Palavras-chave: semiótica discursiva; linguagem documentária; catálise.

Abstract: the information contained in a document highlights specific aspects of its elaboration, since it reveals, in the marks of the enunciation left in its statement, aspects inherent to the discursive set. A document is capable of revealing positions, arguments and reasoning responsible for evidencing the strategies of knowledge construction, as well as thematic and figurative procedures that demonstrate under which aspects the text is anchored. The objective of this study is to analyze the theoretical foundations of discursive semiotics in order to explore the concept of interdiscourse, discursive ethos and catalysis, thus correlating them with the properties of documentary language in order to demonstrate its semiotic behavior as a condenser of information and knowledge, as well as an instrument of affection. Thus, a qualitative methodology was applied, under the exploratory typology, of an interdisciplinary nature. In addition, it is also a basic, theoretical and bibliographical research. In view of this, documentary language is a channel for discourses, an index of previously constructed knowledge and information, and an activator of actions and decision-making, that is, it is an instrument of pragmatics to activate affection, exactly as a catalysis acts. Therefore, it is recognized that documentary language is a catalysis, due to its discursive complexity, which involves its hybrid-syncretic nature, thus condensing diverse information constructed by the aforementioned.

Keywords: discursive semiotics; documentary language; catalysis.

1 INTRODUÇÃO

A informação presente em um documento evidencia aspectos pontuais de sua elaboração, composição e construção, mais que isso, revela, nas marcas da enunciação deixada em seu enunciado, aspectos inerentes ao conjunto discursivo, que podem demonstrar temas e figuras responsáveis por compor um campo semântico-discursivo que demarcam diálogos importantes, denominados interdiscurso e intertexto.

Nesse sentido, um documento é capaz de revelar posicionamentos, argumentos e raciocínios responsáveis por evidenciar as estratégias de construção do conhecimento, como também procedimentos temáticos e figurativos que demonstrem sob quais aspectos o texto está ancorado, isto é, permite reconhecer, através de marcas da enunciação, fatores técnico-científicos como teorias, epistemes, conceitos, argumentos, práticas, procedimentos que influenciam o delineamento informacional responsáveis pelo direcionamento do texto (Martines, 2025).

Práticas que envolvem segmentos do tratamento informacional, como a ciência da documentação, a biblioteconomia, a organização do conhecimento, como também a organização da informação, visam a sistematizar um objeto informacional capaz de conduzir os usuários na navegação em sistemas de informação, com a finalidade de recuperar a informação presente nestes documentos (Lara, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011).

Diante disso, evidencia-se que campos científicos, os quais também atuam como segmentos prático-técnico-profissionais para tratamento da informação no que tange à leitura, à análise, à interpretação, à sistematização de categorias e de classificações, ao armazenamento, à coleta, à organização, à representação e à recuperação da informação, desenvolvem técnicas, práticas, métodos e procedimentos que sejam precisos no tratamento da informação presente no documento original (Lara, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011). Nesse contexto, é preciso construir um documento secundário que ofereça aos usuários condições de recuperar os discursos que constroem um determinado conhecimento.

Frente a esse aspecto, a correlação terminologia especializada e unidade condensada de conhecimento, o conceito, perfaz-se em fundamentos específicos para efetivar em uma mente a concessão cognitiva ativada por contextos e experiências que provocam a afecção, isto é, descritores atuam como instrumentos de navegação que ativam o conhecimento

adquirido em busca de informações para ampliar o conhecimento experienciado (Martines, 2025). Diante disso, a linguagem documentária atua como condensadora de informações, pois é objeto central das práticas e procedimentos da análise documentária, segmento de linha francesa, desenvolvida por Gardin e aplicada no Brasil pelo grupo TEMMA, da ECA-USP, consequentemente possui a condição linguístico-cognitiva de representar discursos já realizados em contextos diferentes.

Sendo assim, reconhece-se que a linguagem documentária possui fundamentos semióticos devido à configuração de um *ethos* informacional-discursivo atrelado ao seu potencial de significação, já que, além de sua condição semântica de correlacionar informações, também ativa o conhecimento, bem como promove, através da cognição, a evolução do conhecimento (Martines, 2025). Além disso, a linguagem documentária se conecta em domínios em que se efetiva a congruência entre saberes e discursos, o que caracteriza uma isotopia, por isso consegue articular conhecimentos, atuando como uma catálise, visto que sua utilidade se confirma frente a um *background* capaz de interagir com expressões que retratam fluxos informacionais condensados (Martines, 2025).

Diante disso, é objetivo deste estudo analisar os fundamentos teóricos da semiótica discursiva com o fito de explorar a concepção de interdiscurso, *ethos* discursivo e catálise, assim correlacionar às propriedades da linguagem documentária a fim de demonstrar seu comportamento semiótico como condensadora de informação e conhecimento, bem como instrumento de afecção.

Essa pesquisa se justifica diante da problemática acerca dos fundamentos da linguagem documentária, tendo em vista a sua capacidade de representar a informação e mediá-la permitindo que os usuários consigam acessar os conteúdos informacionais conforme suas necessidades. Outrossim, a linguagem documentária não é meramente um léxico que compõe a representação de um sistema semântico. Diferentemente disso, a linguagem documentária articula conhecimento, domínios e interações discursivas, muitas vezes, somente através da combinação de descritores, o que efetiva a composição de uma isotopia discursiva realizada em um já-dito informacional.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, devido à importância que ganham os conceitos tratados e o modo como se relacionam a fim

de compreender os processos semióticos na configuração da linguagem documentária. Devido a isso, apresenta-se sob a tipologia exploratória, em busca de caminhos para inter-relacionar teorias de naturezas científicas diferentes, o que confere seu caráter interdisciplinar. Somado a isso, trata-se também de uma pesquisa básica, teórica e bibliográfica.

Nesse cenário, a coleta realizou-se à base de bancos de dados como Google *Scholar*, Dialnet, Brapci, Scielo e Portal de teses e dissertações da Capes, o que permitiu recuperar artigos, teses, dissertações e livros, publicados em português, espanhol e francês. Para efetivar a triagem na escolha dos materiais, não foram estabelecidas datas de publicação, tendo em vista que o atual estudo visa à discussão temática, por isso torna-se fundamental a constituição discursiva de textos originais, bem como a análise de como os discursos, temas, conceitos e teorias se apresentam na atualidade.

Frente ao material selecionado, há o destaque para Cintra (1983) e Cintra *et. al.* (1994); Cunha (1987, 1989); Lara (1993, 2001, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011); Maiomone; Tálamo (2011); Martines (2020, 2025); Vogel (2007, 2009), cuja aplicabilidade se correlacionam ao estudo do conceito, da linguagem documentária, do tratamento documental, representação e organização da informação e da análise documentária; por outra via, destacam-se os trabalhos de Fontanille (2008a, 2008b, 2012, 2015, 2016, 2019) a fim de explorar as concepções acerca de enunciação, discurso, *ethos* discursivo, catálise, isotopia e formas de vida.

Diante disso, a análise ocorreu inicialmente do agrupamento teórico e conceitual. Na sequência, aplicou-se fichamento para seleção de fundamentos, argumentos, descrições, reflexões, raciocínios acerca da funcionalidade das teorias e dos conceitos. Por fim, estabeleceu-se a correlação entre as teorias. Diante disso, instaurou-se a interpretação em busca de inferências que possibilitasse a realização da conexão entre as teorias, os conceitos e os saberes com o fito de proporcionar avanços sobre a temática que está sendo pesquisada e debatida.

3 LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA: REPRESENTAÇÃO E CONDENSAÇÃO INFORMACIONAL

No universo da ciência da informação, há segmentos direcionados ao tratamento da informação, assim atuam na organização e na representação do conhecimento e da informação. Esses segmentos apresentam práticas, técnicas, métodos e estratégias diversas para o tratamento da informação, aspecto que envolve leitura, análise, interpretação da

informação dos documentos a fim de estabelecer o armazenamento, a indexação, a seleção de descritores e a recuperação da informação de modo preciso e rápido (Lara, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011).

Nesse aspecto, as linhas que envolvem a classificação, a categorização, a catalogação e a indexação utilizam de linguagem especializada para representar a informação presente nos documentos originais. Essas técnicas são decorrentes da instrumentalização produzida no bojo da ciência da documentação, da biblioteconomia, da organização do conhecimento e da organização da informação, que explora o tratamento temático da informação e as práticas de indexação, sob aspectos de leitura documental, aplicação de técnicas de verificação estatística dos termos frequente no documento, como ainda a incidência do vocabulário controlado e das políticas de indexação (Martines, 2020, 2025).

Frente a esses fatores, a linguagem especializada ganha papel crucial na execução das tarefas de tratamento e representação da informação. Para efetuar essas ações, o conceito atua como referência do conhecimento organizado sobre aquilo que foi produzido pela humanidade ao longo dos séculos e se apresenta sistematizado em instrumentos que correlacionam esses saberes através da informação registrada.

Sendo assim, o conceito é visto como unidade de conhecimento (Dahlberg, 1978), sob a qual se organizam de modo hierárquico, partitivo ou associativo a composição semântica (Dahlberg, 1978), ou ainda recai sob a constituição do conceito fundamentos epistemológicos, destacando os fundamentos hermenêutico-históricos, como também elementos pragmáticos como recurso de verificação (Hjørland, 2009). Nesse segmento, o conceito se articula conforme os domínios e a direcionalidade prevista pelas comunidades discursivas.

Em sua origem, a linguagem documentária era vista como sistema de signos, os quais possibilitam a comunicação entre documento e usuário (Vogel, 2007), por isso o papel da linguagem documentária é de mediação, pois retrata uma circunstância específica de sentido, em que a palavra escolhida para atuar como descritor não é retirada diretamente de um dicionário, ou selecionada na superfície de um documento. Diferentemente de uma escolha simplista e reducionista de sentido, a aplicação da linguagem documentária está atrelada a um instrumento linguístico que correlaciona o conceito a um escopo especializado e científico, concentrada de informações previamente compartilhadas entre pesquisadores, especialistas, estudiosos e usuários.

A linguagem documentária é um instrumento profissional de identificação, reconhecimento e recuperação de informações específicas e especializadas presentes em um documento, cuja determinação é oriunda da terminologia especializada, pois retrata um estrato linguístico técnico-científico inerente aos discursos científicos, portanto recupera as diretrizes argumentativas, como também recupera posicionamento, argumentos, classificações, definições, explicações e avanços previamente estabelecidos e permite a inovação, visto que o discurso científico está em devir e enfrenta as imposições do falibilismo.

A linguagem documentária é recurso que une pesquisadores, especialistas e estudiosos ao discurso científico, assim retratando o conhecimento desenvolvido, descoberto, ou inovado, bem como trata-se de um recurso que conecta usuários a esses fluxos informacionais, pois sua atuação nos sistemas informacionais válida a interconexão linguístico-científico-comunicacional entre quem produz a informação e o conhecimento e quem o procura e o consome. A linguagem documentária garante que a informação seja difundida sem problemas semânticos como polissemia, homonímia e ambiguidade, visto que sua especificação conduz sua validade de significação conforme os domínios de aplicabilidade.

Devido a esses fatores, entende-se que a linguagem documentária possibilita a organização do conhecimento e da informação (Lara, 2008). Além disso, configura-se como instrumento de controle e estabilização, ou seja, a linguagem documentária efetiva a canalização dos sentidos presentes no documento original em significados normalizados para conduzir os objetos informacionais, ou documentos secundários, a concentrar potencialidades semânticas a fim de fomentar instrumentos de navegação rápidos e eficazes frente às demandas informacionais em larga escala de busca e recuperação.

Para Lara (2004a, p. 232), a linguagem documentária refere-se ao "[…] conjunto dos diferentes tipos de instrumentos especializados no tratamento da informação bibliográfica". Somado a isso, a linguagem documentária "[…] designa, de modo mais amplo e completo, a linguagem especialmente construída para organizar e facilitar o acesso e a transferência da informação" (Lara, 2004a, p. 232). Dessa maneira, sua confluência com a terminologia permite constituir o conceito em sua essência mental, independente de sua expressão, embora dependa da ancoragem na linguagem, portanto sua aplicabilidade é efetiva no que concerne à objetividade, à precisão e à não ambiguidade (Lara, 2006).

A linguagem documentária efetiva o discurso político-social e científico devido à sua potencialidade de expressar o já-dito em expressões previamente combinadas em uma

espécie de contrato linguístico-científico-cultural previamente delimitado. Desse modo, a linguagem documentária, como prevê Lara (2003, p. 11) pressupõe "[…] a importância da divulgação da informação para que o homem assuma sua própria voz". Ademais, a linguagem documentária, além de conhecimento condensado em unidade linguística, também é um discurso concentrado em um já-dito especializado e legitimado por uma comunidade científica, assim há o pressuposto de que "[…] o sujeito que vai passar o conhecimento científico, elaborado na linguagem polissêmica, para outra, a linguagem documentária" (Lara, 2003, p. 11). Nessa atividade de tradução, não se manifestam apenas os fatores semânticos, mas também os fundamentos discursivos ativados cognitivamente e condensados no fluxo de diversos já-ditos.

Frente a isso, embora a linguagem documentária se imponha como instrumento de convenções estabelecidas no conjunto semântico, confeccionado no interior operacional do próprio sistema, por isso visa a garantir uma concepção da informação de modo estático e homogêneo, pois somente assim pode garantir que as interações entre os usuários e o conhecimento sejam precisas. No entanto, é necessário destacar que a linguagem documentária "[…] não se livra completamente de interferências culturais que acabam por exigir um trabalho quase permanente de atualizações" (Lara, 2003, p. 16).

Essa constante alteração de sentido é decorrente da conexão da linguagem documentária com os discursos científicos que são manifestantes nos documentos, ou seja, embora a linguagem documentária busque a normalização e a estabilidade do significado, sua configuração reflete e refrata a constante interação entre discurso, conhecimento, informação, acesso e cognição.

Martines (2020, p. 291) destaca que a linguagem documentária "[…] estabelece um marco histórico do termo naquele domínio, assim identificando a sua aplicabilidade", ou seja, torna-se um marco histórico, porque é o termo escolhido para ser o descritor preferido por uma comunidade discursiva acerca de um determinado conhecimento inserido em um domínio específico. Dessa maneira, a linguagem documentária é discursiva não só porque carrega fatores de discursos já-ditos, mas também porque possibilita que situações pontuais e circunstâncias decisivas para o avanço da ciência sejam contempladas através de terminologias, isto é, marca o nascimento de novos conceitos, como decolonial, ou ainda o abandono de terminologias preconceituosas, como mulato, homossexualismo ou rapariga.

Por sua vez, Vitorini e Moreira (2013, não paginado) salientam que as linguagens documentárias são "[…] importantes instrumentos de mediação entre o conhecimento produzido na sociedade e as necessidades de informação dos usuários", portanto trata-se de "[…] instrumentos facilitadores de acesso, são (ou deveriam ser) por natureza, orientadas para a acessibilidade". Outrossim, a linguagem documentária atua como mediadora nos processos da comunicação, por isso sua atuação é pragmática e exige uma relação de parcimônia entre usuário, sistema e área do saber (domínio).

A eficácia da linguagem documentária está "[…] condicionada ao conhecimento profundo do contexto em que é produzida e utilizada (envolvendo usuários, sistemas, indexadores, entre outros elementos)" (Vitorini; Moreira, 2013, não paginado). Somado a isso, a linguagem documentária também requer "[…] um controle adequado dos elementos sintáticos, lógicos e semânticos que envolve, considerando-se, sempre, sua função pragmática" (Vitorini; Moreira, 2013, não paginado).

Nessa linha, entende-se que a linguagem documentária depende de todas as esferas de aplicação da linguagem, isto é, exige fundamentos da lexicologia, lexicografia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, semiótica, lógica e discursiva, pois, embora a linguagem documentária seja uma linguagem especializada e atua como normalizadora do significado, ela pertence ao universo da sistematização (lógica e significado), mas também ao universo da comunicação (discurso e significação).

Vitorini e Moreira (2013, não paginado) acrescentam que "o objetivo da linguagem documentária é realizar a ponte entre o conteúdo do documento e o usuário". Isso é possível porque a linguagem documentária é instrumento de representação, atuando sob os fundamentos lógicos da linguagem, como ainda é recurso de mediação comunicacional, por isso está entrelaçada nas cavidades do discurso, o que lhe permite afetar o usuário nesse processo de parcimônia.

A linguagem documentária exerce importantes papéis no processo de representação da informação e na garantia de acesso democrático dessa informação, por isso sua elaboração requer a preocupação com os fatores lógicos, técnicos e científicos para exercer sua função de representação da informação, como também preocupações com os aspectos discursivos, cognitivos, comunicacionais, pragmáticos e semióticos a fim de garantir a relação contextual entre usuário, sistema informacionais e domínio e, assim, a informação seja recuperada, apreendida, compreendida e difundida.

4 DISCURSO, ETHOS E CATÁLISE: A CONECTIVIDADE SEMIÓTICA

A semiótica discursiva, decorrente da linha semiótica francesa ou greimasiana, explora elementos presentes no enunciado, na enunciação e no discurso a fim de reconhecer percursos gerativos de sentido ou de significação, cuja funcionalidade é reconhecer o processo de semiose que envolve a interação mente-linguagem-discurso. Nesse processo, conceitos como isotopia, *ethos* discursivo, catálise e formas de vida atuam nos procedimentos de análise para explorar o sentido proposto no discurso e como se estabelecem os interdiscursos e os intertextos, assim permitindo reconhecer posicionamentos, intencionalidades, situacionalidades, direcionalidades e dispositivos de poder.

Frente à composição de um texto, fatores de interação de sentido e significação atuam para sua constituição social de troca informacional, como bem permite, nesse processo de alteridade, ativações de conhecimentos latentes, ou ainda a expansão da percepção e a constituição de experiência colateral.

Por isso, Charaudeau e Maingueneau (2020, p. 467) explicam que “o texto se revelou ser uma unidade muito complexa, para ser fechada em tipologias e para que só a coesão e a coerência linguística possam dar conta daquilo que faz a sua unidade”. Outrossim, “se existem regras de boa formação, estas regras são certamente relativas aos gêneros de discurso, ou seja, às práticas sociodiscursivamente reguladas”, ou seja, “a unidade que o texto tem é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que expressa o fato de que ele se relaciona um todo com o ambiente no qual está inserido” (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 467).

Somado a isso, Greimas e Courtés (2016, p. 504) defendem que “pensar na composição do texto é pensar a sua textualidade, assim imerso em uma ação de textualização é o conjunto dos procedimentos que visam à constituição de um contínuo discurso”, com isso o texto obtido da ação discursiva, “[…] uma vez manifestado como tal, assumirá a forma de uma representação semântica do discurso” (Greimas; Courtés, 2016, p. 504).

Para Fontanille (2019, p. 85), o texto é a “[…] segmentação, a detecção das rupturas, das ligações e das transições”, o que permite a identificação da aspectualização, ou seja, o conjunto de temas e figuras que proporcionam, através da isotopia, a congruências dos fatores semióticos que geram uma espécie de unidade, isto é, um campo semântico, ou uma rede semântica.

Nessa linha, entende-se, como campo semântico, o conjunto de semas (atributos semânticos) destinados a descrever um ser, ou ainda a correlação de seres que pertencem a um conjunto de ideias ou ainda descrevem sua funcionalidade, por isso o campo semântico é da ordem ontológica e teleológica, como exemplo, casca, polpa, semente para tratar de atributos de uma fruta, ou ainda, a correção de arroz, maçã, macarrão, biscoito para se referir à comida.

Já a rede semântica é o conjunto de argumentos ou interdiscursos que se entrecruzam e conectam elementos que, comumente, não fazem parte do mesmo campo, contudo, na ação discursiva, criam uma conexão semântica, como por exemplo, correlacionar capitalismo, fome, corrupção, desmatamento, colonialismo. Esses conceitos isoladamente pertencem cada qual a um nicho discursivo, porém a depender da composição do texto e a incidência do *ethos* discursivo, é possível que sejam correlacionados para explicar circunstâncias argumentativas, através de conhecimentos partilhados constituídos em um já-dito.

Ainda sobre o texto, Fontanille (2016, não paginado, tradução nossa) destaca a funcionalidade do texto-enunciado como uma rede de isotopias, as quais garantem uma extensão de significação, por isso o texto-enunciado é "[…] um grupo de figuras semióticas organizadas em conjunto homogêneo graças à sua disposição sobre um mesmo suporte ou veículo".

Logo, para a ordenação do enunciado, assim estabelecendo parâmetros de análise da aspectualização, por conseguinte a congruência de figuras e temas que se conectam em campo ou redes semânticas auferindo a constituição discursiva, a isotopia atua como uma continuidade, um fenômeno de identidade entre os conceitos que dialogam no cerne discursivo e compõem a significação, permitindo a interação entre mente, informação, conhecimento e realidade.

Para Zilberberg (2006, p. 119), a isotopia aponta que "[…] a identidade de cada unidade dependerá de sua repetição, como se para advir fosse necessário retornar, como se fosse preciso rimar, como se apenas o ato respondesse ao ser". Ademais, […] o sema e a isotopia constituem a versão, intensa e extensa respectivamente, de um mesmo dado, seja do conteúdo, seja da expressão" (Zilberberg, 2006, p. 119). Dessa forma, "[…] o sema concentra a significação, a isotopia difunde: reciprocidade indispensável, que seria banal se cultivássemos o hábito banal de considerar que o mérito de um conceito varia na razão direta de sua flexibilidade" (Zilberberg, 2006, p. 120).

Nessa perspectiva, a isotopia atrelada à capacidade de recuperar todo um discurso anteriormente manifestado, denominado já-dito, permite a eficiência da catálise, que funciona como um recurso de economia discursiva, concomitantemente ao fator de por si só ser uma forma argumentativa que se realiza na continuidade do discurso em interdiscursos. Sob essa óptica, Charaudeau e Maingueneau (2020, p. 286) afirmam que "todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, assim tem a propriedade de estar em relação uniforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso". Diante disso, compreende-se que o interdiscurso é "[…] o conjunto das unidades discursivas, com as quais um discurso particular entra em relação implícita e explícita" (Charaudeau; Maingueneau, 2020, p. 286).

Por sua vez, a catálise atua entre o texto e o discurso, insinua-se entre as camadas do enunciado e as práticas de enunciação, realiza-se através da dimensão semântica de sua canalização de conceitos, como também atravessa a constituição da pragmática, pois ativa o conhecimento oriundo da afecção de comandos e de experiências propostas pela correlação de contexto.

A catálise é resultado da enunciação e da pragmática, visto que se manifesta como um índice, já que sua relação com o enunciado é proferida através de elementos implícitos e pressupostos, assim seu efeito de sentido em um processo de comunicação referencia uma intencionalidade, a qual efetiva o ato de fala, visto que parte de um contexto circunstancial e existencial, ativando o contexto situacional, o qual se atualiza como contexto interacional, exigindo, para que haja a realização discursiva, um contexto pressuposicional.

Greimas e Courtés (2016, p. 54) definem a catálise como "[…] explicitação dos elementos elípticos ausentes na estrutura da superfície", por isso se apresenta como um "[…] procedimento que se realiza com o auxílio dos elementos contextuais manifestados e mediante relações de pressuposição que entretêm com os elementos implícitos". Assim, a catálise está marcada no enunciado, mas efetiva na enunciação sua capacidade de encapsular discursos e recuperá-los, sem muitas explicações, para inserir em um novo discurso, por isso sua faculdade pragmática e interdiscursiva. Sob esse aspecto, a catálise depende da composição do discurso decorrente do *ethos* discursivo e do *background*.

O discurso é o condutor das relações de significação, por isso é o meio onde se realizam as negociações socioculturais acerca do sentido e como componentes dos contextos serão utilizados. Consoante Foucault (2015, p. 27), o discurso atua como "[…] categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados". Com isso, há sempre

"[…] fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado de outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis" (Foucault, 2015, p. 27).

Por seu turno, Fontanille (2019, p. 86) defende que discurso é "[…] um conjunto de proposições organizadas; o discurso definido como o produto de uma enunciação", assim é reconhecido como "[…] uma instância de análise na qual a produção, isto é, a enunciação, não poderia ser dissociada de seu produto, o enunciado". Diante disso, o discurso "[…] inventa incessantemente novas figuras", o que afeta a interatividade, já que "[…] contribui para redirecionar e deformar o sistema que outros discursos haviam antes alimentado" (Fontanille, 2019, p. 86).

Portanto, o discurso é um processo que se realiza no enunciado, mas é virtualizado e atualizado na enunciação. As práticas discursivas exercem uma correlação entre os elementos linguísticos, a realidade, a força discursiva e fatores de semântica, de pragmática e de semiótica. Nessa linha, o discurso é a manifestação social-subjetiva de um falante diante de uma realidade simbólica-objetiva em que permite o posicionamento e a interação, visando às estratégias de fundamentação de mecanismos cognitivos através de conceitos que representam e medeiam a realidade, bem como a demonstração de comportamentos e de condutas de práticas e de cenas sociais.

Além disso, é através do discurso que um indivíduo atua na construção de seu aparato informacional na busca de trocas de conhecimento. Nesse aspecto, evidencia-se que o discurso exige organização, é orientado e se caracteriza como uma forma de ação, por isso é de natureza interativa, contudo cada enunciador deve se posicionar frente ao contexto e aos enunciatários. Sendo assim, o contexto é baliza das articulações de sentido e significação do discurso, pois efetiva a conexão com outros saberes, que são afetados pelo *ethos*, permitindo a recuperação de discursos já-ditos e se distinguir nas proposições que correlacionam os interdiscursos.

O discurso, portanto, é resultado de uma prática que se constitui à base de modalizações linguísticas e que possuem o poder de modelizar a cognição, ou seja, o discurso afeta uma mente que aprende e oferece a ela modelos de atuação, representação e mediação da realidade, isto é, o discurso ressignifica a existência e a compreensão sobre as coisas do mundo. A construção de um discurso sempre será à base de uma escolha, seja ela lexical, sejam os rumos argumentativos, sejam os temas e as figuras que serão exploradas na sua

composição, visto que há a incidência do *ethos* discursivo na condução discursiva, tanto para o locutor, quanto para o enunciatário.

No entanto, devido à natureza manifestante da enunciação, essas escolhas afirmam um único caminho, assim gerando o apagamento de tantos outros. Nesse sentido, é importante haver discernimento para confrontar o discurso materializado em enunciado com tantas outras possibilidades que poderiam acontecer, mas não ocorreram. Esse ponto é muito importante para fatores sociais, culturais, políticos e históricos, pois ao afirmar uma versão, é possível apagar outras versões, gerando relativismo, distratores políticos e ideológicos. Com isso, há a possibilidade de manifestação de poderes discursivos, fatores que geram dispositivos de controle, exclusão, desinformação e fragmentação da representatividade e da diversidade cultural.

5 LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA E CATÁLISE: ASPECTOS SEMIÓTICOS DE CONDENSAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Toda construção comunicacional é decorrente da organização de fluxos informacionais e de delineamento discursivo que conecta intencionalidades a diversos tipos de conhecimento, assim possibilitando a ressignificação e a ampliação da experiência. No processo discursivo, todos os elementos sígnicos são geradores de significação. Somado a isso, a construção discursiva se consolida através de recursos de economia discursiva, como a catálise, a qual ganha poder discursivo-argumentativo devido à incidência do *ethos* discursivo.

Para Maingueneau (2020, p. 9), “estudar o *ethos* é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizer”. Ademais, o *ethos* está relacionado às escolhas que um locutor realiza ao se posicionar, desse modo a construção discursiva ganha força na interação com outros discursos, permeando aspectos de autoridade, de necessidades informacionais, de pontualidade e precisão, além de evocar as estratégias de construção do conhecimento, que são inerentes aos fatores científico-culturais.

Ethos está alinhavado ao caráter e à boa fé que se apresentam na construção do discurso. Desse modo, *ethos* discursivo evidencia a força ilocucionária, ou seja, a sinergia que se estabelece por detrás de todas as estratégias informacionais, ligadas à construção do conhecimento e à sua comunicação. O *ethos* é fundamentado em prudência, virtude e boa vontade (Maingueneau, 2020), por isso envolve costume e caráter na constituição de si no

interior de uma coletividade. Esses aspectos, conforme aponta Maingueneau (2020, p. 10) "trata-se de uma noção radicalmente híbrida (sócio/discursiva), de um comportamento verbal socialmente avaliado, que não podem ser apreendidos fora de uma situação de comunicação historicamente determinada".

O *ethos* discursivo possibilita a expansão argumentativo-discursiva da catálise, pois sua dinâmica é direcionada conforme a força discursiva e a todos os elementos que constituem o já-dito, que acaba sendo recuperado conforme a inclusão da catálise no novo discurso. Nesse sentido, reconhece-se que a constituição da linguagem documentária se posiciona em discursos anteriormente construídos pela força social, cultural, histórica, política e científica. Diante disso, a linguagem documentária é um elemento híbrido, de força sincrética, pois une em uma forma elementos que compõem o conhecimento, por conseguinte o conceito, como também atua como índice que correlaciona discursos culturais ou científicos, ou seja, a linguagem documentária atua como uma catálise.

Graças à sua dimensão sincrética, a linguagem documentária possui uma face semântica, pois, como elemento do plano da expressão, situa-se em um conjunto de termos especializados que dialoga com outros termos, presentes na mesma direcionalidade e situacionalidade comunicacional, visto que, como recurso híbrido entre conceito e descritor, conecta o termo preferido para representar o conteúdo a uma comunidade que previamente conhece seu sentido e, através do domínio, potencializa a sua significação.

Nessa perspectiva, a linguagem documentária atua como catálise justamente por sua natureza híbrida e sincrética, já que transita entre as necessidades de organização e representação do conhecimento e da informação, além de transitar entre as atividades de classificação, categorização, catalogação e representação e recuperação da informação. A linguagem documentária atua como catálise, porque além de ser um termo específico que articula o significado presente nos dicionários, ou os sentidos manifestantes nos documentos; sua função como catálise permite recuperar autores, teorias, metodologias, epistemologias, ideologias entre outros fundamentos, todos interconectados, como interdiscursos na manifestação discursiva em que se insere.

Por fim, a linguagem documentária é decorrente de um já-dito, pois são aparatos lexicais que pertencem a segmentos científico-culturais específicos e canalizam todo um conjunto de saberes. Outrossim, a aplicação da linguagem documentária é fundamentada em um *ethos* que apresenta uma cena englobante como científico-cultural; uma cena genérica,

que efetiva descritores oriundos de produções científicas, como artigos; e cenografia, que lhe confere a dimensão dos objetos científicos, a objetividade discursiva das produções científicas e da composição dos conceitos. Diante desses fatores, reconhece-se que a linguagem documentária é uma canalizadora de discursos, é um índice de saberes e de informações previamente construídos e é uma ativadora de ações e tomadas de decisões, ou seja, é um instrumento da pragmática para ativar a afecção, justamente como age uma catálise.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou características importantes sobre a linguagem documentária e apresentou definições acerca da sua funcionalidade dentro do universo da ciência da informação, em destaque sobre o escopo que inter-relaciona as atividades de organização e representação do conhecimento e da informação que perfazem a ciência da documentação, a biblioteconomia, a organização do conhecimento e a organização da informação. Com isso, foi possível evidenciar como a linguagem documentária possui papel central nas atividades de classificação, categorização, catalogação, indexação e recuperação da informação.

Além disso, este estudo também debateu a função semiótica da linguagem documentária, evidenciando sua natureza híbrida e sincrética, devido à sua condição de correlacionar as propriedades do conceito com o descritor. Graças à sua natureza linguística atrelada à terminologia, sua dinâmica de sentido é focada exclusivamente à construção de saberes especializados e defini-los e descrevê-los com precisão, a fim de que o conhecimento seja condensado em estratégias de comunicação.

Devido a esses fatores de significação que envolvem à natureza da linguagem documentária, este estudo recuperou fundamentos da semiótica discursiva a fim de analisar fatores como a isotopia, o *ethos* discursivo, a interdiscursividade e a catálise para compreender a potencialidade semântica, pragmática e semiótica da linguagem documentária, não apenas como instrumento semântico-pragmático, mas, sim, como condutora de interdiscursividade encapsulada.

Em suma, reconheceu-se que a linguagem documentária é uma catálise, devido à sua complexidade discursiva, que envolve sua natureza híbrido-sincrética, assim condensando diversas informações construídas pelo já-dito, recuperadas através de uma expressão condutora de conhecimentos e que ativa a experiência latente e a cognição ancoradas nesse já-dito como elemento sistematizado na construção do *background*.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário da análise do discurso**. Tradução: Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CINTRA. A. M. M. Elementos de Linguística para estudos de indexação. **Ciência da informação**, Brasília, DF, v. 12, n. 1, p. 5-22, 1983. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/190. Acesso em: 10 jan. 2024.

CINTRA, A. M. M. *et al*. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis, 1994.

CUNHA, I. M. R. F. (Org.) **Análise Documentária**: considerações teóricas e experimentações. São Paulo: Febab, 1989. v. 1. 191 p.

CUNHA, I. M. R. F. Análise Documentária. *In*: SMIT, J. W. (coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987. 2. ed. p. 39-62.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, dec. 1978. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115. Acesso em: 4 jun. 2024.

FONTANILLE, J. **Formas de vida**. Tradução: Desiderio Blanco. Lima: Fondo Editorial, 2015.

FONTANILLE, J. Práticas semióticas: a imanência e pertinência, eficiência e otimização. *In*: **Semiótica e mídia**: textos, práticas, estratégias. DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (Org.). Bauru: UNESP/FAAC, 2008a.

FONTANILLE, J. **Práticas semióticas**. Tradução: Desiderio Blanco. Lima: Fondo Editorial, 2016.

FONTANILLE, J. Semiótica do discurso: balanço e perspectivas. Tradução: Jean Cristtus Portela; Matheus Nogueira Schwartzmann. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 6. n. 1, 2008b. Disponível em: https://doi.org/10.21709/casa.v6i1.951. Acesso em: 15 dez. 2022.

FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. Tradução: Jean Cristtus Portela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FONTANILLE, J. **Semiótica y literatura**: ensayos de método. Tradução: Desiderio Blanco. Lima: Universidad de Lima, Fundo Editorial, 2012.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HJØRLAND, B. Concept Theory. **Journal of the American society for information science and technology,** v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.

LARA, M. L. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 3, 1993. Disponível em: https://doi.org/10.18225/ci.inf.v22i3.480. Acesso em: 24 de fev. 2024.

LARA, M. L. L. G. Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do grupo temma. **Informação & Informação**, v. 16, n. 2, p. 92-121, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.5433/1981-8920.2011v16n2p92. Acesso em: 24 de fev. 2024.

LARA, M. L. L. G. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 2, 2004b. Disponível em: https://doi.org/10.18225/ci.inf..v33i2.1050. Acesso em: 24 de fev. 2024.

LARA, M. L. L. G. Informação, informatividade e linguística documentária: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. **DataGramaZero**, v. 9, n. 6, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6550. Acesso em: 24 de fev. 2024.

LARA, M. L. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **Transinformação**, v. 16, n. 3, p. 231-240, 2004a. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-37862004000300003. Acesso em: 24 de fev. 2024.

LARA, M. L. L. G. **Linguística Documentária**: seleção de conceitos. Tese (Livre Docência em Análise Documentária) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.11606/T.27.2019.tde-21112019-191517. Acesso em: 24 de fev. 2024.

LARA, M. L. L. G. Novas relações entre terminologia e ciência da informação na perspectiva de um conceito contemporâneo da informação. **DataGramaZero**, v. 7, n. 4, 2006.

LARA, M. L. L. G. O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documentária e a linguagem documentária. **DataGramaZero**, v. 2, n. 6, 2001. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5294. Acesso em: 24 de fev. 2024.

LARA, M. L. L. G. Tesauro: linguagem de representação da memória documentária. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 2, 2003.

MAIMONE, G. D.; TÁLAMO, M. F. G. M. Linguística e terminologia: contribuições para a elaboração de tesauros em ciência da informação. **DataGramaZero**, v. 12, n. 2, 2011. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7356. Acesso em: 24 de fev. 2024.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MARTINES, A. R. **Caminhos linguístico-semióticos para a organização do conhecimento**: significação, cognição e tratamento da linguagem. 2025. Tese (Doutorado em Ciência da

Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2025.

MARTINES, A. R. **Linguística e Semiótica Documentária**: Contribuição das teorias da linguagem. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.

VITORINI, E. F.; MOREIRA, W. **Avaliação de linguagem documentária em bibliotecas acessíveis**. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: ANCIB, 2013.

VOGEL, M. J. M. A evolução do conceito de linguagem documentária: as linhas francesas e brasileiras. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Savador. **Anais** [...] Salvador: ANCIB, 2007.

VOGEL, M. J. M. A influência de Jean-Claude Gardin e a linha francesa na evolução do conceito de linguagem documental. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. spe, p. 80-92, 2009. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362009000400006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362009000400006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 jul. 2024.

ZILBERBERG, C. **Razão e poética de sentido.** Tradução: Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: EDUSP, 2006.